

PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA NO PROJETO DE ENSINO MÉDIO INTEGRADO *MUNDURUKU*: PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE JORNAL

Lucimar Luisa FERREIRA
Universidade Estadual de Campinas
lucimarluisa@uol.com.br

Resumo: O ensino de português como segunda língua em cursos de formação específica para alunos indígenas, no país, é uma garantia do Estado e parte das reivindicações dos povos, tendo em vista que representa uma necessidade no estabelecimento das relações de contato. Nessa perspectiva, o ensino carece ser pensado e desenvolvido considerando os diversos fatores de ordem lingüística, cultural, social e política que estão relacionados à educação escolar indígena. A partir de uma perspectiva teórica discursiva, neste trabalho, trato de uma experiência de ensino de português como segunda língua, desenvolvida em 2010, com alunos do Projeto de Ensino Médio Integrado *Munduruku*. O objetivo do nosso trabalho é desenvolver uma discussão sobre ensino de língua portuguesa com enfoque na interpretação e na produção textual, enfatizando a possibilidade de quebra da circularidade do discurso pedagógico e da ocupação de uma posição de autoria por parte dos alunos indígenas.

Palavras-chave: Jornal; Notícia; Português como segunda língua; Ensino Médio Integrado *Munduruku*.

1. Introdução

O ensino de português no Projeto de Ensino Médio Integrado *Munduruku* busca atender aos interesses da comunidade, no sentido de favorecer as relações que o povo mantém com diferentes setores da sociedade: esfera comercial, rede bancária, instituições públicas e etc. Nesse sentido, os *Munduruku* querem e necessitam saber o português oral e escrito compreendendo-o em seu funcionamento social e entendendo a infinidade de gêneros utilizados nas diferentes atividades e esferas sociais.

Numa comunidade indígena como a dos *Munduruku*, os estudantes, em grande parte dos casos, têm a responsabilidade de ler e produzir textos em português: documentos e variados materiais de interesse coletivo do povo. Além disso, no Projeto *Ibaorebu* há uma turma de alunos cursando magistério, futuros professores de português nas escolas das aldeias. A partir disso, é possível entender que saber português, para esses cursistas, demanda o domínio não apenas da metalinguagem e das regras de cunho gramatical.

No contexto desse Projeto de educação indígena, o mínimo que se espera da proposta de ensino de português como segunda língua é o destaque na interpretação e a produção textual e, nesse entendimento, o estudo dos aspectos gramaticais, embora fundamentalmente importante, não pode representar o foco principal das atividades. A gramática precisa ser trabalhada no processo de produção e revisão dos textos, numa situação específica e significativa.

Levando em consideração a importância do português para o povo *Munduruku*, em situações diversas, dentro e fora da aldeia, o nosso trabalho proporcionou aos cursistas a

compreensão e a produção de variados gêneros textuais da esfera jornalística, buscando a quebra da circularidade do discurso pedagógico¹ e a criação de um espaço de autoria.

Nesse sentido, na nossa experiência², enfocamos o gênero “notícia” por meio de uma metodologia variada, levando em consideração a importância dos conhecimentos tradicionais do povo na escola. A produção coletiva de um jornal, nesse caso, foi uma forma de ensinar português, enfocando a vida, o cotidiano e o conhecimento tradicional dos cursistas. Além disso, a comunidade também foi envolvida em diferentes situações durante a realização das entrevistas para a escrita das matérias.

No trabalho, a partir do gênero “notícia” várias questões de estrutura e de funcionamento da língua portuguesa foram abordadas, tendo em vista as diferenças de uma notícia lida em um jornal impresso, ouvida no rádio, assistida na tevê e acessada na internet.

2 - Fundamentação teórica

A circularidade do discurso pedagógico (ORLANDI, 1996) e a posição do professor e do aluno na produção de interpretação e de textos na escola (PFEIFFER, 1995) tem sido importantes aspectos das discussões sobre ensino de línguas, tanto no ensino de língua materna quanto no ensino de segunda língua. Como a compreensão de que uma língua não é apenas uma forma de expressão do pensamento e/ou um sistema de comunicação com regras abstratas fechado em si mesmo, a mudança na prática do ensino toma espaço nos debates. A partir dos estudos realizados em diferentes campos do saber, por autores como: Bakhtin (1979[2003]), Rojo (2000), Scheneuwly; Dolz (2004), Pêcheux (1997), Orlandi (1996, 1999, 2001), Gallo (1992, 2008) e Pfeiffer (1995) é possível questionar as práticas de ensino de línguas que tomam como base a literalidade da linguagem e coloca o foco nos aspectos gramaticais.

Para Bakhtin (2003), a linguagem humana é dialógica e fundamentalmente ligada ao fazer humano. Para esse autor, o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) e cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais recebem a denominação de gêneros do discurso. Os gêneros são inúmeros e cada um reflete as condições específicas e as finalidades de cada campo através de seu conteúdo, estilo e construção composicional. Nesse caso, a língua é entendida como um elemento de interlocução entre as pessoas em suas práticas sociais e esferas de atividades. Com esses fundamentos, outros autores como Scheneuwly, Dolz e Rojo propõe um trabalho de ensino de língua na escola, partindo de textos de diversos gêneros primários e secundários. Ao abordar os gêneros discursivos, o foco é deslocado da estrutura gramatical para o funcionamento da língua nas diferentes atividades e esferas.

De acordo com Pêcheux (1997), a linguagem tem uma relação necessária com a sua exterioridade histórica e ideológica. Isso equivale a dizer que a linguagem tem seu funcionamento marcado pelo que está fora de sua estrutura, o sujeito e a história. O sujeito e o sentido se constituem na/pela linguagem e as condições sócio-históricas são determinantes no funcionamento do discurso. Com os fundamentos de Pêcheux, outros autores como Orlandi,

¹ Cf. Orlandi, 1996.

² Essa experiência foi planejada e desenvolvida em parceria com a Prof^a Elizete Beatriz Azambuja, que desenvolveu a mesma experiência em duas outras turmas: Magistério II e Técnico em Enfermagem. Tivemos também, no trabalho, a participação de quatro professores indígenas auxiliares: Prof^a Claudeth *Saw Munduruku*, Prof. Zenildo *Saw Munduruku*, Prof. Amâncio Sirma de Moraes *Akay*, Prof. Deuzivaldo *Saw Munduruku*.

Pfeiffer e Gallo discutem a possibilidade da quebra da circularidade do discurso pedagógico e a ocupação de uma posição de autoria por parte dos alunos na produção de textos na escola.

Embora, em perspectiva, os fundamentos de Bakhtin e os de Pêcheux sejam distintos no que se refere à compreensão da relação do sujeito com linguagem e o social, para esses autores a estrutura da língua só tem sentido no funcionamento desta na sociedade e esse é um ponto de proximidade entre as duas linhas teóricas. Nesse caso, apesar dos pressupostos teóricos bakhtinianos e pechetianos serem diferentes, o deslocamento da abordagem gramatical para o funcionamento da língua em enunciados e textos na sociedade, em termos de prática de ensino de língua, pode ser produtivo para a elaboração de propostas de ensino.

Assim, considerando os pressupostos desses autores e muitos outros dessas duas linhas teóricas, o foco das atividades de ensino de língua passa ser os textos em seus mais variados funcionamentos e usos sociais. O tratamento da estrutura gramatical continua relevante, mas apenas parte da produção dos textos. Assim, mais do que treinar regras gramaticais, a escola precisa criar espaço para a produção de interpretação, dando ao aluno condições de ocupar uma posição de autoria, entendendo a autoria como a possibilidade de filiação do dizer a um discurso legitimado³.

Nesse caso, o ensino passa ter relação com o funcionamento dos discursos, considerando as diferentes questões que envolvem a linguagem humana, entendendo esta fundamental na ação dos sujeitos dentro e fora de seu meio social e cultural. Mais do que falante ou escrevente, o aluno é um sujeito que interpreta e tem uma posição na escola, na família e na sociedade. E, com essa compreensão, o foco central do ensino passa da estrutura para o funcionamento da língua dentro das atividades e práticas sociais. Nesse caso, a base para os diferentes estudos é o texto⁴, nos seus mais variados gêneros, produzido em condições de produção (ORLANDI, 1999) específicas. De acordo com Gallo (2008), o 'texto' é produzido a partir de uma posição de sujeito do discurso (efeito-autor), que produz, simultaneamente, o efeito de realidade de um outro que assim o vê, o lê (efeito-leitor).

Pensando o ensino de português para alunos indígenas, que têm objetivos específicos em relação ao domínio da segunda língua, essa perspectiva adquire uma importante relevância. Os alunos indígenas querem aprender o português para a sua prática, na relação com as diferentes instâncias ligadas à sociedade envolvente. O aluno indígena quer e precisa saber ler um jornal, um anúncio, uma portaria, um ofício, um poema, uma crônica e muitos outros textos que passam a fazer parte de sua vida cotidiana na aldeia e fora dela.

3 - Desenvolvimento do trabalho

A nossa proposta de ensino de português como segunda língua foi desenvolvida no Projeto *Ibaorebu* (Projeto de Ensino Médio Integrado *Munduruku*⁵), na turma do Magistério I e na turma de Agroecologia, em julho de 2010, na aldeia Sai-Cinza, Terra Indígena *Munduruku*, Jacareaganga, Pará.

³ Cf. Gallo, 1992.

⁴ Cf. Gallo, 2008.

⁵ O Projeto teve início em 2007, numa parceria entre comunidade *Munduruku*, Associação Indígena *Munduruku*, Secretaria de Educação do Estado do Pará, Prefeitura de Jacareacanga e Funai. O projeto busca articular o ensino à pesquisa e os professores não-índios atuam em conjunto com os professores assistentes *Munduruku*. De acordo com André Ramos (Coordenador do Projeto), a proposta é trabalhar as áreas de ciências humanas, ciências da natureza (química e física) e linguagens (PSL, língua *Munduruku* e artes) integradas dentro de uma abordagem que dialogue com os projetos de pesquisas e as questões colocadas pelos alunos.

O curso foi iniciado com a apresentação da proposta de trabalho aos cursistas. Nessa apresentação foi discutido sobre o papel da língua portuguesa como segunda língua numa comunidade indígena, destacando a importância de trabalhar com a língua em funcionamento nas diferentes esferas sociais. Os professores *Munduruku* ajudaram na apresentação da proposta, fazendo uma explanação em sua língua materna. Como aprofundamento dos gêneros, foi proposto um trabalho com jornais (FARIA, 2005), dando ênfase ao gênero “notícia”. A proposta foi trabalhar os conteúdos a partir da leitura e da produção de diferentes jornais: falado e escrito, possibilitando situações de debates e discussões sobre temáticas do cotidiano da aldeia e de interesse dos cursistas.

Para iniciar, nas duas turmas (Magistério I e Agroecologia), foi encaminhada uma atividade de leitura livre, com o objetivo de proporcionar um momento de leitura prazerosa e identificar os principais interesses dos alunos em relação aos temas e as maiores dificuldades em relação à segunda língua. Os materiais de leitura foram espalhados em diferentes mesas, dando liberdade de escolha aos cursistas. No decorrer da leitura, os alunos foram comentando e trocando materiais. A maior curiosidade dos cursistas foi em relação às matérias sobre temáticas indígenas publicadas nos jornais, embora muitos outros tenham também sido foco de interesse: futebol, educação, meios ambiente e arte.

Na turma do Magistério I, os cursistas, apesar de alguns encontrarem dificuldades para compreender os textos, a maior parte deles fizeram muitos comentários sobre o que tinha lido. No momento do debate em sala, uns foram encorajados pelos outros. Já na turma de Agroecologia, os alunos fizeram a leitura e quando foram falar sobre o que tinham lido, muitos demonstraram dificuldades de compreensão. Os alunos foram reunidos em grupos de três e fizeram outras leituras. Depois desse trabalho, eles apresentaram oralmente os assuntos lidos com maior compreensão e demonstrando mais segurança. Para fechar essa atividade, os alunos produziram um registro escrito (linguagem verbal) e/ou desenhos (linguagem não-verbal) da compreensão e as informações obtidas na leitura. A maioria dos alunos, nas duas turmas, produziu pequenos comentários acompanhados de desenhos. Com esse material, foi organizado um mural na parte externa da sala de aula.

No segundo momento, foi feita uma discussão detalhada sobre a estrutura do jornal⁶: as seções e os cadernos, os elementos da primeira página, manchetes e a escolha de assuntos em destaque. Além de serem mostrados no momento da explicação, os jornais foram distribuídos para que os alunos os manuseassem. Foi ressaltada também a importância da linguagem não-verbal na montagem e apresentação das matérias. Nessa explanação, os professores *Munduruku* também explicaram em sua língua os pontos mais importantes e isso foi fundamental para a compreensão dos cursistas.

Depois dessa exposição, foi proposta uma atividade de leitura de uma notícia de jornal impresso. Na turma de Magistério I o texto foi “Invasores matam menina Guajajara de seis anos” e na Agroecologia foi “Delegação indígena brasileira se reúne com alto comissariado da ONU”, ambos os textos publicados no jornal *Porantim*⁷, em maio de 2008. Os alunos leram os textos, depois fizemos um exercício de compreensão oral, partindo do vocabulário e assuntos de domínio da turma. Em vez de começar falando do que os alunos não conheciam no texto, foi feito o contrário, partimos das palavras e expressões que os alunos compreendiam o significado e das situações conhecidas. As palavras, as expressões e os comentários foram sendo anotadas no quadro e eles perceberam que sabiam muita coisa a respeito do assunto, apesar de não saber o significado de todo o vocabulário do texto. Essa forma de encorajar o aluno é muito importante numa aula de segunda língua, pois, no início da leitura de um texto, o aluno tende a acreditar que não sabe quase nada. Mas essa atitude do aluno tem relação com a prática de muitos professores que destacam o que ele não sabe. No

⁶ Cf. Marcondes; et al., 2003.

⁷ O Jornal *Porantim* é uma publicação do CIMI – Conselho Indigenista Missionário.

nosso caso, foi o contrário, o destaque foi para o que eles sabiam e essa forma de condução do processo de aprendizagem produziu um efeito de segurança e interesse nos alunos em saber cada vez mais. Muitos passaram a usar dicionários e fazer perguntas, que eram respondidas individual ou coletivamente.

Para ampliar o entendimento, falamos sobre os elementos da notícia: o quê, quando, onde, como, por que, buscando esses elementos nos textos lidos. Apesar das dúvidas de muitos alunos, a maioria demonstrou ter compreendido muito bem o que foi abordado. Isso foi demonstrado no exercício proposto na sequência. Nesse exercício, quase todos tiveram facilidade para encontrar os elementos da notícia e dar uma opinião na última questão. Nessa atividade, também percebemos que alguns tiveram dificuldades para redigir as respostas das questões, mesmo tendo demonstrado compreensão do assunto tratado. Observamos que na turma de magistério I, apesar das dúvidas, os cursistas têm maior domínio na escrita do português.

Prosseguindo no trabalho com a notícia, foi proposta uma atividade de apresentação de jornal falado, com o objetivo de compreender melhor o gênero e exercitar a leitura do português oral. Nessa apresentação, alguns alunos demonstraram dificuldades de leitura, mas melhoraram muito com o exercício de treino. Na turma de Agroecologia, foi proposto mais uma atividade com outra notícia, “Invasores matam menina Guajajara de seis anos”, Jornal Porantim, de maio de 2008. Primeiro os alunos leram a notícia silenciosamente e fizeram a compreensão oral e, depois, foram fazer a leitura em voz alta, fora da sala, em pequenos grupos. Depois do treino os alunos fizeram várias apresentações de jornais de rádio e tevê em sala. Observamos que, embora alguns alunos ainda fizessem uma leitura baixa e com alguns problemas de pontuação, a maioria conseguiu ler muito bem a matéria escolhida, fazendo a entonação de jornalista e locutor de rádio.

Depois de propor a produção coletiva de um jornal da turma, a atividade seguinte foi escolher o título deste jornal. Nessa atividade, os alunos foram listando diferentes títulos no quadro para fazer, em seguida, a escolha através de votação. Nas duas turmas, os alunos fizeram a defesa dos títulos e depois foi feita a votação. A defesa dos títulos dos jornais foi uma das melhores atividades orais, tanto na turma de Magistério I quanto na turma de Agroecologia. Nessa defesa, os alunos, primeiro falavam em língua *Munduruku*, depois falavam em português. Na argumentação, cada aluno que fez sua defesa, demonstrou muito conhecimento dos interesses coletivos do povo *Munduruku*.

Na turma do Magistério I o título vencedor foi “Jornal *Munduruku*” e, na turma de Agroecologia, “Jornal da Agroecologia”. No Magistério I “Jornal *Munduruku*” foi uma escolha de quase todos, já na turma de Agroecologia, com as defesas, mais dois outros títulos “Jornal Tapajós” e “Diário do *Ibaorebu*” também tiveram muitos votos.

Após a escolha do título, foi proposta uma discussão de pauta com o objetivo de escolher os assuntos do jornal. Depois da montagem da pauta, os alunos, em duplas ou trios, escolheram o que iam noticiar e passaram para a etapa de produção textual das notícias. Muitos alunos conversaram com pessoas da comunidade e fizeram entrevistas com cacique, pescadores, agente de saúde, buscando entender melhor o assunto que iam noticiar. Tiraram fotos e isso despertou a curiosidade de muitas pessoas fora da sala de aula.

No início da produção escrita, os alunos tiveram muitas dúvidas com relação à estrutura lingüística dos textos do gênero “notícia”, mas depois das explicações nos grupos e nas atividades em sala, todos compreenderam bem o proposto e conseguiram produzir os textos. Nessa etapa, o trabalho de explicação dos professores *Munduruku* foi muito importante. Em sala, redigimos o início de várias notícias como exemplo. Nos grupos, os textos foram sendo produzidos e revistos com acompanhamento individual dos alunos. Os aspectos lingüísticos e gramaticais foram sendo explicados nos grupos e/ou retomados em sala, no quadro, conforme a necessidade de cada turma. Um aspecto que necessitou de muita

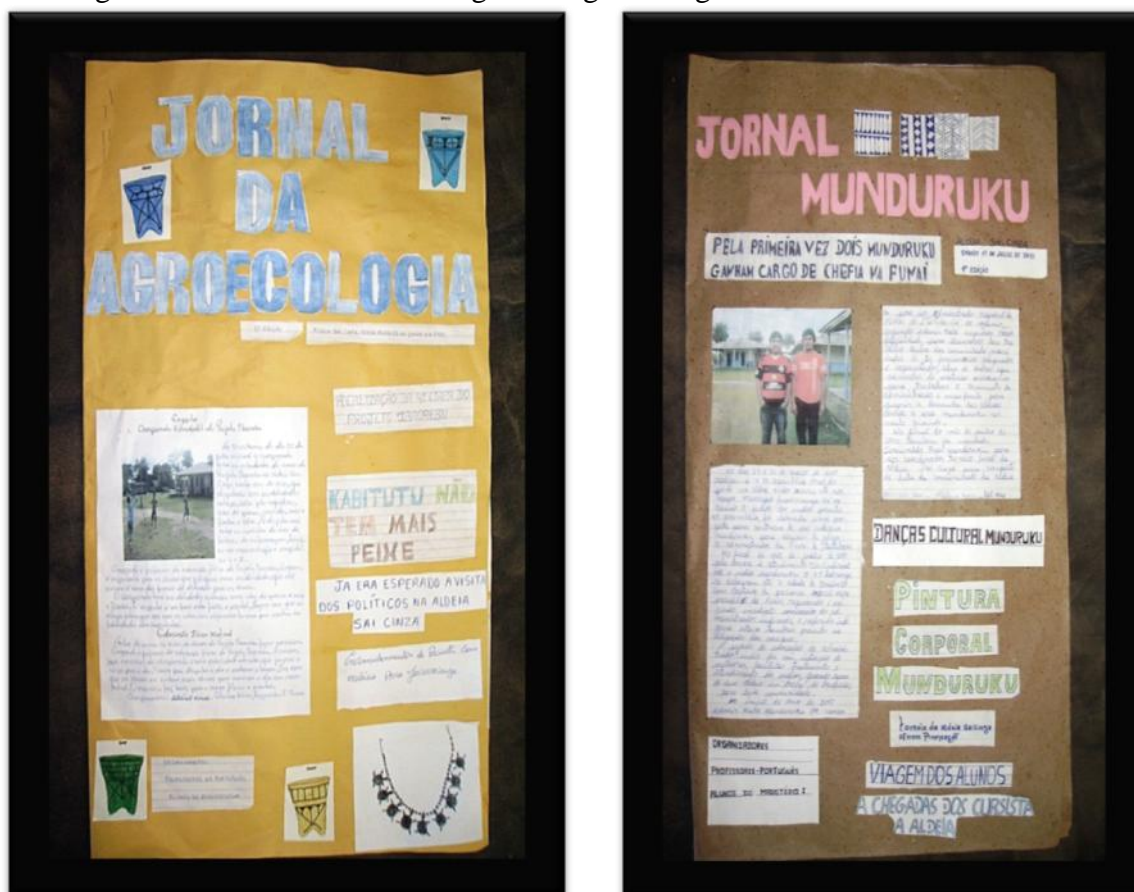
explicação nos grupos e em sala, foi a redação da notícia em terceira pessoa. A falta de costume de leitura de jornal e a prática da produção de narrativa em primeira pessoa, pode ter sido causa das dificuldades de compreensão da impessoalidade da escrita da notícia. Para entender melhor essa questão, discutimos que o efeito de impessoalidade é um aspecto fundamental do gênero “notícia”. Além do texto, cada grupo também produziu as ilustrações de suas matérias.

Com os textos finalizados, passamos para a apresentação do jornal falado pelos grupos, com suas próprias notícias. Cada grupo escolheu um locutor ou apresentador e dois repórteres. Eles apresentaram jornal de rádio e de tevê. Nessa parte do curso, percebemos que o treino para o jornal falado foi muito importante. Por mais que alguns alunos ainda apresentassem os programas com voz baixa, todos melhoram muito na leitura oral.

Antes da montagem final dos jornais, foi feita uma conversa a fim de escolher as manchetes. Na turma de Agroecologia, a manchete principal falava de esporte “Torneio na aldeia Sai-Cinza e, na turma do Magistério I, falava de política “Índios *Munduruku* ocupam cargo de chefe na FUNAI”. Depois da conversa geral sobre a sequência dos assuntos e a diagramação do jornal, cada grupo fez a montagem de suas matérias nos espaços determinados. Os componentes dos grupos passaram os textos a limpo (manuscrito) e colaram nos espaços estabelecidos conforme os assuntos e organização dos cadernos.

Os jornais foram montados em folhas de papel pardo, com a participação ativa de todos os alunos.

Figura 1- Jornais das turmas: Agroecologia e Magistério I



Depois de prontos, os jornais foram apresentados em sala e os alunos, nas duas turmas, ficaram muito satisfeitos com a produção coletiva. Muitos, em depoimentos, disseram que não acreditavam que a turma ia conseguir produzir um jornal. Nesse momento, foi possível observar o contentamento de todos por ter conseguido produzir, com criatividade, um

grande texto coletivo, produzido a partir de fatos do cotidiano da aldeia e de conhecimentos do povo *Munduruku*. Nos momentos de produção dos jornais, várias pessoas da comunidade apareceram nas janelas das salas para ver o que estava sendo feito e assistir às apresentações dos jornais falados.

4. Discussão da proposta

Com base na experiência desenvolvida, é possível avaliar que o trabalho foi muito significativo e o retorno dos alunos mostra a compreensão que todos tiveram nas atividades propostas. Nas atividades, por mais que não dominassem o gênero “notícia”, a partir das leituras dos jornais e do conhecimento dos noticiários de rádio e tevê, eles foram compondo os seus textos. A composição do jornal escrito e a apresentação do jornal falado (noticiário de rádio e tevê) representaram para os alunos um encadeamento importante na prática linguística proposta.

A produção dos textos pelos alunos, numa atividade direcionada (não apenas para entregar para o professor), mostra uma quebra na circularidade do discurso, apesar de ser uma atividade produzida na escola. Os alunos produziram textos orais e escritos, com a função de circulação na sala e na aldeia⁸. Embora todos soubessem que aquela era uma apresentação de trabalhos desenvolvidos na sala de aula, na locução houve, por parte dos alunos, uma filiação ao discurso jornalístico. Por mais que soubessem que as notícias e as apresentações eram apenas exercícios, todos se esforçaram para produzir seus textos e programas se colocando na posição de locutores, de autores. Enquanto jornalistas de noticiários de rádio e tevê, os alunos fizeram composições próprias, mostrando estilo e compreensão do discurso jornalístico.

A avaliação dos alunos foi processual e feita a partir do desenvolvimento das atividades, considerando a compreensão de cada um sobre os conteúdos e temas abordados. A partir dessa avaliação, refletimos que, possibilitar aos alunos *Munduruku* a leitura e a escrita do português, a partir de conhecimentos cotidianos e culturais do povo, foi o aspecto mais significativo e singular do nosso trabalho. A produção do jornal favoreceu a organização e a sistematização de vários conhecimentos culturais e de vivência do cotidiano que os cursistas possuem.

Nesse sentido, podemos afirmar que o ensino de português como segunda língua em uma escola indígena precisa ser pensado considerando, principalmente, o enfoque que se quer dar as questões lingüísticas, no sentido de quebrar com a circularidade do discurso pedagógico.

5. Considerações finais

De acordo com os debates em sala, produções coletivas, apresentações e depoimentos dos alunos em situações informais, constatamos que a disciplina de português como segunda língua, na quarta etapa do projeto *Ibaorebu*, alcançou o seu principal objetivo, que foi despertar nos alunos o interesse de ler e escrever cada vez mais o português, reconhecendo a sua própria capacidade na prática da segunda língua. Acreditamos, com base na participação dos alunos nos trabalhos propostos, que o ensino da segunda língua, a partir

⁸ Observamos que, embora o jornal não tenha circulado na aldeia, ele foi feito em parceria com as pessoas da comunidade e quem teve curiosidade foi ver a sua montagem e assistir as apresentações. “A notícia” de que alunos estavam produzindo um jornal correu na aldeia.

da compreensão dos variados gêneros textuais⁹, foi além do proposto para as aulas de língua portuguesa, pois tocou questões de cultura, arte, cidadania, direito e movimentos indígenas. Além disso, o curso pode ter contribuído para o desenvolvimento da autoconfiança dos alunos na produção de seus textos, potencializando a autoria na segunda língua.

Dentre as questões tratada, o que ainda é importante destacar é que no ensino de português como segunda língua numa comunidade indígena, a estrutura gramatical não pode ser o foco dos conteúdos, já que o fundamental no ensino de uma língua é o seu funcionamento, em relação à produção de sentidos.

Não podemos negar a relevância do trabalho com a gramática na escola, mas esse aspecto precisa fazer parte de uma atividade significativa, na qual o aluno possa interpretar e produzir seus textos, numa posição de autoria, mesmo que seja uma autoria coletiva, como aconteceu na produção dos jornais.

Com o jornal, tanto a língua escrita quanto a língua oral foram trabalhadas e valorizadas, dando oportunidade para os alunos desenvolverem diferentes habilidades relacionadas à compreensão do funcionamento do português falado e escrito e seus espaços sociais de uso. As atividades propostas foram desenvolvidas na relação com as pessoas da comunidade, que colaboraram dando entrevistas e falando sobre os diferentes assuntos que os alunos precisavam saber para produzir as suas matérias.

6. Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN Mikhail. (1979). **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.
- FARIA, Maria A. de Oliveira. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005. (Repensando o ensino).
- GALLO, Solange Leda. **Como o texto se produz: uma perspectiva discursiva**. Blumenau: Nova Letra, 2008.
- _____. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. (Coleção Momento).
- MARCONDES, Beatriz; et al. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.
- ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1996. (Linguagem/crítica).
- _____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. Análise de conteúdo e teoria do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. Traduzido por Bethania Mariani [et al.]. 3 ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61 – 105.

⁹ Marcondes, et al., 2003.

PFEIFFER, Claudia R. Castellanos. **Que autor é este?** 1995. 146 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula:** praticando os PCN's. São Paulo: Mercado de Letras: 2000. (As faces da lingüística aplicada)

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e Colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. e Org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. (As faces da lingüística aplicada).